

"ME PARABENIZAR 1 DIA É FÁCIL. QUERO VER ME RESPEITAR NOS OUTROS 364": UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO DIA 08 DE MARÇO¹

Dantielli Assumpção GARCIA²
Lucília Maria ABRAHÃO E SOUSA³

RESUMO: Neste trabalho, sob a perspectiva teórica da Análise de Discurso pecheuxiana (PÊCHEUX, 1990, 1997), analisaremos alguns *posts* que circularam nas páginas do Facebook da *Marcha das Vadias* acerca do dia 08 de março, o Dia Internacional da Mulher. Mostraremos que há, no ciberespaço, um convite às mulheres para militarem pelas causas feministas, e a tentativa de ruptura a uma memória estabilizada sobre a mulher e sua posição na sociedade. O movimento feminista *Marcha das Vadias* tenta tornar evidente para a sociedade que com atos comemorativos não se homenageia a mulher, mas sim a violenta com dizeres que ainda a colocam em uma posição de submissão ao homem e à sociedade patriarcal.

PALAVRAS-CHAVE: Marcha das Vadias. Dia Internacional da Mulher. Memória. Análise de Discurso.

1 Este texto faz parte do projeto de Pós-Doutorado *A Marcha das Vadias nas redes sociais: efeitos de feminismo e mulher*, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp – (proc. N. 2013/16006-8), que tem como objetivo central analisar a formulação, a constituição e a circulação de um discurso sobre a mulher e o feminismo na contemporaneidade e no ciberespaço.

2 Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. *E-mail:* dantielligarcia@gmail.com

3 Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. *E-mail:* luciliamsr@uol.com.br

Dizeres iniciais: uma homenagem ou uma reivindicação?

Este trabalho, a partir da perspectiva teórica da Análise de Discurso pecheutiana (PÊCHEUX, 1990, 1997), analisará alguns *posts* produzidos pela *Marcha das Vadias* acerca das comemorações e/ou homenagens para as mulheres no dia 08 de março, e divulgados em suas páginas do Facebook. Pretendemos responder aos seguintes questionamentos: Qual o sentido dessa data para o movimento feminista? Como um dizer sobre a mulher, formulado pelos coletivos feministas, circula na sociedade contemporânea, buscando romper com dizeres já estabilizados na memória da sociedade sobre o que é e não é ser mulher? Como, na rede, um espaço para que as mulheres militem é constituído?

O dia 08 de março, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1975 como o Dia Internacional da Mulher, fez circular nas páginas da *Marcha das Vadias* diversos discursos que contradizem a data como um evento a ser comemorado. Nas formulações da *Marcha*, o dia 08 de março é o dia da luta contra a opressão e a violência sofrida pelas mulheres. Atualizando uma memória sobre a posição da mulher na sociedade patriarcal, o movimento feminista, fazendo uso do evento 08 de Março, interdita certas discursividades que colocam a mulher como submissa ao homem e à sociedade e constitui um discurso que faz circular a mulher como livre, que luta pelas causas que a afetam diariamente: machismo, exploração, violência, desigualdade. A *Marcha das Vadias*, assim, tenta tornar evidente à sociedade que, com atos comemorativos, não há um respeito pelas mulheres e sim uma forma de violência que usa a data como legitimação de um discurso patriarcal.

Há, nas páginas do Facebook da *Marcha das Vadias*, diversos convites para as mulheres militarem pelas causas feministas. Essa militância se dá tanto no ciberespaço (com o envio de fotos, textos, *links* ao movimento) quanto no espaço público (com a participação nos atos organizados pelos coletivos feministas). Para respondermos aos questionamentos colocados, nosso trabalho

divide-se em três partes. Na primeira delas, faremos uma discussão das condições de produção do dia 08 de março, mostrando como essa data surge à sociedade como um evento a ser comemorado como o Dia da Mulher. Na segunda, refletiremos sobre a noção de memória discursiva (interdiscurso), explicitando como o movimento feminista tenta romper com uma memória estabilizada na sociedade sobre a mulher e sobre o dia 08 de março. Na terceira parte, analisaremos alguns *posts* produzidos ou divulgados nas páginas do Facebook da *Marcha das Vadias* acerca dessa data.

Dia Internacional da Mulher: os sentidos de uma data

Nesta parte de nosso trabalho, refletiremos sobre a criação da data 08 de março como o Dia Internacional da Mulher. Para tanto, mobilizaremos a noção de condições de produção, tal como trabalhada na Análise de Discurso (AD). Para a compreensão de um discurso, é necessário levar em conta suas condições de produção. Esse conceito, tal como trabalhado na AD, considera fatores extralinguísticos na produção de sentido de um discurso. As condições de produção, então, compreendem os sujeitos e a situação.

Na AD não é considerado o sujeito empírico, mas sim a posição sujeito projetada no discurso. Assim, as condições de produção estão relacionadas aos lugares que os sujeitos aí ocupam. Esses lugares nos processos discursivos funcionam como formações imaginárias que designam o lugar que A [produtor] e B [destinatário] se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Esse jogo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. De acordo com Orlandi (2002, p. 42):

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada, assenta no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas em uma sociedade como a nossa por relações

de poder. [A imagem] se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições.

Para mostrar como os movimentos feministas, em nosso caso específico, a *Marcha das Vadias*, tentam romper com as imagens da mulher que circulam na sociedade, refletiremos também sobre a possibilidade da “antecipação” – que é entendida como a capacidade que o locutor tem de se colocar na posição de seu interlocutor, experimentando sua posição e antecipando-lhe sua resposta:

O mecanismo de antecipação é em grande parte o responsável pela argumentação. E a troca da linguagem, por este mecanismo, se assemelha a um grande jogo de xadrez em que aquele que consegue melhor antecipar-se a seu interlocutor é melhor orador, mais eficiente com a palavra. E, não nos esqueçamos, trata-se de um jogo que se assenta no imaginário. (ORLANDI, 2006, p. 16)

Ademais, fazem parte do modo como as condições de produção funcionam as relações de força e as relações de sentidos. Essas relacionam os dizeres a outros possíveis dizeres: “todo discurso é, nesses termos, aberto em suas relações de sentidos” (ORLANDI, 2006, p. 16). As relações de força mostram que o lugar a partir do qual falamos marca o discurso com a força da locução que esse lugar representa. Cada lugar tem sua força: “na relação de interlocução e isto se representa nas posições sujeito. Por isso essas posições não são neutras e se carregam de poder que as constitui em suas relações de força” (ORLANDI, 2006, p. 16).

Desse modo, como, no movimento feminista da *Marcha das Vadias*, as relações de poder entre homens e mulheres são trabalhadas? Como da posição mulher-feminista-militante se enuncia o Dia Internacional da Mulher? Como há a antecipação de um imaginário sobre esse dia e sobre as atitudes dos sujeitos, principalmente dos homens, que os movimentos feministas buscam desestabilizar? Como a imagem do homem é trabalhada pelo movimento

feminista? Questões que responderemos na terceira parte de nosso texto. Já em relação à situação, Orlandi (2002, p. 15) afirma que esta pode ser pensada em sentido estrito e em sentido amplo: “Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico ideológico, mais amplo”. Em relação às circunstâncias da enunciação, fala-se de uma posição-mulher-feminista-militante sobre o dia 08 de março em uma tentativa de ruptura com sentidos estabilizados na memória da sociedade sobre essa data. Já em relação ao contexto sócio-histórico-ideológico, podemos perceber, no dizer da sociedade, um apagamento da origem desse evento.

Faz parte da memória da sociedade associar o Dia Internacional da Mulher a histórias de greves e mortes. Uma das mais conhecidas é a de uma greve, que aconteceu em Nova York em 1857, na qual 129 operárias morreram depois de os patrões terem incendiado a fábrica ocupada. Outra é de uma greve de costureiras, também em Nova York, que durou de 22 de novembro de 1909 a 15 de fevereiro de 1910. Por fim, a terceira é de um incêndio ocorrido em uma fábrica têxtil (*Triangle Shirtwaist Company*) em Nova York em 25 de março de 1911, no qual 125 mulheres e 21 homens morreram. Ressalta Blay (2001, p. 604) que:

A *Triangle* empregava 600 trabalhadores e trabalhadoras, a maioria mulheres imigrantes judias e italianas, jovens de 13 a 23 anos. Fugindo do fogo, parte das trabalhadoras conseguiu alcançar as escadas e desceu para a rua ou subiu para o telhado. Outras desceram pelo elevador. Mas a fumaça e o fogo se expandiram e trabalhadores/as pularam pelas janelas, para a morte. Outras morreram nas próprias máquinas.

Esse evento foi importante para a história do movimento dos trabalhadores nos Estados Unidos, mas, nessa data (25 de março de 1911), as militantes socialistas já haviam aprovado a criação do Dia Internacional das Mulheres. Aponta Blay (2001, p. 605) que Clara Zetkin (1857-1933) – alemã, membro

do Partido Comunista Alemão, deputada em 1920, militante junto ao movimento operário e dedicada à conscientização feminina – propôs, ao participar do II Congresso Internacional de Mulheres Socialistas, em Copenhague, em 1910, a criação de um Dia Internacional da Mulher sem definir uma data precisa. Nos dizeres de Blay (2001, p. 605):

No Brasil vê-se repetir a cada ano a associação entre o Dia Internacional da Mulher e o incêndio na Triangle, quando na verdade Clara Zetkin o tenha proposto em 1910, *um ano antes do incêndio*. É muito provável que o sacrifício das trabalhadoras da Triangle tenha se incorporado ao imaginário coletivo da luta das mulheres. Mas o processo de instituição de um Dia Internacional da Mulher já vinha sendo elaborado pelas socialistas americanas e europeias há algum tempo e foi ratificado com a proposta de Clara Zetkin.

Renée Côté (1984), ao pesquisar sobre as lutas feministas e o 08 de março como Dia Internacional da Mulher, explicita que não houve nenhuma greve heroica, seja em 1857, em 1909 ou em 1911, vinculada à proposta de um dia das mulheres, “mas um feminismo heróico que lutava por se firmar entre as trabalhadoras americanas”. As mulheres socialistas norte-americanas começaram a celebrar um dia de lutas das mulheres a partir de 1908. Esse evento, que se espalhou pela Europa, era o “Woman’s Day” (Alemanha, Suécia, Rússia). Nas palavras de Blay (2001, p. 604-605):

No século XX, as mulheres trabalhadoras continuaram a se manifestar em várias partes do mundo: Nova Iorque, Berlim, Viena (1911), São Petersburgo (1913). Causas e datas variavam. Em 1915, Alexandra Kollontai organizou uma reunião em Cristiana, perto de Oslo, contra a guerra. Nesse mesmo ano, Clara Zetkin faz uma conferência sobre a mulher. Em 8 de março de 1917 (23 de fevereiro no Calendário Juliano), trabalhadoras russas do setor de tecelagem entraram em greve e pediram apoio aos metalúrgicos. Para Trotski esta teria sido uma greve espontânea, não organizada, e teria sido o primeiro momento da Revolução de Outubro.

Na década de 60, o 8 de Março foi sendo constantemente escolhido como o dia comemorativo da mulher e se consagrou nas décadas seguintes. Certamente esta

escolha não ocorreu em consequência do incêndio no Triangle, embora este fato tenha se somado à sucessão de enormes problemas das trabalhadoras em seus locais de trabalho, na vida sindical e nas perseguições decorrentes de justas reivindicações.

Em 1975, a ONU declarou a década de 1975 a 1985 como a Década da Mulher e reconheceu o 08 de março como o Dia Internacional da Mulher. Em 1977, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) reconhece oficialmente essa data como Dia da Mulher, em homenagem às 129 operárias queimadas vivas. Houve, por esse gesto da Unesco, a oficialização do Dia Internacional da Mulher como um evento em que se comemoram as greves/os incêndios do início do século XX. Embora haja diversas críticas teóricas acerca dessa relação greve-incêndio-Dia Internacional da Mulher, a Unesco legitima a data e faz circular um discurso que apaga as lutas feministas de séculos. Assim, o dia 08 de março passa a ser o Dia Internacional da Mulher. Momento em que a sociedade patriarcal decide homenagear o “segundo sexo”.⁴ Contudo, o que os movimentos feministas atuais tentam trazer à tona são as lutas travadas ainda pelas mulheres na sociedade que a violenta, dizendo homenageá-la.

A memória do dia 08 de março: dizeres estabilizados sobre a mulher

Pretendemos discutir, nesta parte de nosso trabalho, a noção de memória discursiva, explicitando como o movimento feminista busca furar uma memória estabilizada acerca dos sentidos de mulher na sociedade e intenta constituir a mulher numa outra posição discursiva que seja legitimada pela sociedade patriarcal. A memória discursiva é trabalhada pela noção de interdiscurso:

4 Expressão de Simone de Beauvoir ([1949] 1970), na qual a autora busca discutir as relações tensas, estabilizadas na sociedade, entre homens e mulheres. O “segundo sexo”, na sociedade patriarcal, seria a mulher.

“algo fala antes, em outro lugar e independentemente”. Para Pêcheux (1997), o conjunto de formações discursivas – aquilo que pode e deve ser dito – forma um complexo com o dominante, ao qual se nomeia *interdiscurso*. O interdiscurso determina a formação discursiva. Ressalta Orlandi (2006, p. 17-18) que o interdiscurso é constituído de todo dizer já dito – o qual preside todo o dizer – sendo assim, é irrepresentável. O interdiscurso fornece a cada sujeito “sua realidade enquanto sistemas de evidências de significações percebidas, experimentadas” (ORLANDI, 2006, p. 18).

Ao funcionar o interdiscurso, os sujeitos na posição-homem e na posição-mulher se inscrevem em determinadas formações discursivas e fazem circular sentidos ao masculino (poderoso, chefe de família, dominador) e ao feminino (sexo frágil, submisso, dominado), vistos como os únicos sentidos possíveis à mulher e ao homem. Contudo, como coloca Pêcheux (1999, p. 56), a memória:

[...] não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização [...]. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos.

Pêcheux (1999, p. 53) mostra que “sob o ‘mesmo’ da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva”, o qual permite o novo, o acontecimento. Nos dizeres de Pêcheux (1999, p. 52-53):

[...] a memória discursiva tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma série que não estava constituída enquanto tal

e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior.

Haveria assim sempre um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento:

- um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como “boa forma”, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo;

- mas também, ao contrário, o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos”.

Ao analisarmos os *posts* produzidos e/ou divulgados pela *Marcha das Vadias*, podemos observar esse funcionamento da memória. Há uma tensão entre uma memória estabilizada pelos discursos da sociedade acerca do Dia Internacional da Mulher e uma tentativa de fundar uma outra discursividade sobre essa data pelos coletivos feministas. Há um jogo de força que visa manter um implícito que veicula uma imagem da mulher como um ser frágil, que merece flores, bombons, que precisa de um dia para homenagear a sua força. Os dizeres da sociedade apagam uma memória de lutas feministas para que esse dia fosse criado. Apaga-se a memória do Dia Internacional da Mulher como um símbolo de todas as reivindicações das mulheres militantes, tanto as já ocorridas quanto as vindouras. Os movimentos feministas tentam “perturbar” essa rede de implícitos, rompendo com uma ordem imposta por um discurso patriarcal que coloca a mulher em uma posição subjugada ao homem. Analisemos os *posts*.

“8 de março: levante-se e venha para a luta”: rupturas feministas

Antes de iniciarmos as análises, é necessário apresentar brevemente o movimento feminista brasileiro e as condições de emergência do movimento *Marcha das Vadias*.

Em *Uma história do feminismo no Brasil*, Pinto (2003, p. 9) afirma que escrever a história do movimento feminista não é uma tarefa fácil, pois “se trata de um fenômeno que ainda vivemos de forma muito presente e sobre o qual ninguém, homens ou mulheres, nas últimas décadas, ficou imune a ter uma opinião”.

O autor ainda declara que, no início do século XX, é possível observar que os movimentos de mulheres ganham forma ao buscarem uma maior participação nas decisões políticas do país, conquistada somente em 1932 por meio do direito ao voto. Essa luta é considerada a primeira onda do feminismo brasileiro.

Após ter alcançado o direito ao voto em 1932, houve no Brasil, aponta Alves e Pitanguy (1981, p. 70), um período de refluxo do movimento das mulheres, não somente por características intrínsecas a este, como também pela própria conjuntura política que, a partir de 1937, início do Estado Novo, impediu qualquer tipo de mobilização popular de cunho reivindicatório.

A partir de 1945, as mulheres, além de se engajarem em campanhas nacionais, também se organizaram em Associações de Bairro. Embora essas atividades não tenham um cunho propriamente feminista, marcam a presença da mulher na esfera pública.

Foi marco inaugural da segunda onda feminista na América Latina a década de 1970. Nessa onda, há uma maior atuação das mulheres na política e uma questão colocada é “politizar o privado” (CESTARI, 2013, p. 1472). Nesse momento, o movimento feminista denuncia a opressão que a mulher sofre também no âmbito doméstico.

Em 1975, foi fundado em São Paulo o *Movimento Feminino pela Anistia*, que relaciona sua origem a movimento semelhante de 1945. Também em 1975, foi inaugurado o *Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira*. Esse centro foi criado no Rio de Janeiro a partir de um evento realizado por um grupo de mulheres que tinham o propósito de comemorar a instituição do Ano Internacional da Mulher. A fundação do centro foi o primeiro passo para

tornar público e institucionalizado o movimento das mulheres e marcou um grande ganho das lutas feministas.

O tema da violência contra a mulher foi pela primeira vez discutido oficial e publicamente na década de 1980. O Brasil dá um grande passo ao apoiar a *Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra as Mulheres* (Convenção Belém do Pará) em 1984. No ano de 1985, marca-se a criação da primeira Delegacia da Mulher e do *Conselho Nacional dos Direitos da Mulher*.

Todavia, somente no início do século XXI, no ano de 2003, os movimentos de mulheres foram efetivamente institucionalizados e reconhecidos mediante a criação, em âmbito ministerial, da *Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres* e mediante a implantação de políticas voltadas à mulher.

É a partir desse contexto sócio-histórico, funcionando como memória do movimento feminista, que a *Marcha das Vadias* surgirá e passará a circular no Brasil. A *Marcha das Vadias* é um movimento feminista recente que traz à tona diversas discussões acerca do que é ser mulher, do que é feminismo e do que significa uma sociedade sexista baseada na desigualdade de gênero. Esse movimento surgiu a partir de um episódio ocorrido em 2011, quando o policial canadense Michael Sanguinetti, em uma palestra na Universidade de Toronto, recomendou que “as mulheres evitassem se vestirem como putas para não serem vítimas de estupro”. Como reação a essa fala que culpabiliza a vítima, em abril do mesmo ano, cerca de três mil canadenses saíram às ruas para protestar na primeira *SlutWalk*, a *Marcha das Putas*, ou na tradução adotada no Brasil, a *Marcha das Vadias*. O movimento espalha-se pelo mundo e, em 2011, também chega ao Brasil, passando a ocorrer em diversas cidades brasileiras (Rio de Janeiro, Campinas, São Paulo, Brasília, entre outras).

A *Marcha das Vadias* dá voz à mulher, inscreve efeitos de/sobre o feminino a partir da posição-sujeito-mulher e faz falar uma voz que quer ser ouvida, respeitada. Ao formular um dizer sobre a mulher, a *Marcha das Vadias* traz também dizeres produzidos pela sociedade machista, patriarcal que violentam

o feminino. “Ao trazer a voz do outro, o intuito da *Marcha das Vadias* é fazer com que a sociedade reflita sobre uma naturalização da posição da mulher produzida pela mesma sociedade” (GARCIA; SOUSA, 2014, p. 86).

Passaremos agora à análise dos *posts* produzidos e/ou divulgados sobre o dia 08 de março pelas *Marchas das Vadias* em suas páginas do Facebook. Analisaremos as postagens da *Marcha das Vadias* de Curitiba, Pelotas, Recife, Campinas, Rio de Janeiro, Belo Horizonte. Esse movimento inscreve seus discursos em uma regionalização de sentidos que buscam romper com um dizer estabilizado sobre o Dia Internacional da Mulher e sobre a posição do sujeito feminino na sociedade patriarcal. Nos *posts*, a imagem da mulher é a daquela que luta, que não é submissa, não é devota, não é santa, não é puta, não é cinderela, é, simplesmente, mulher em luta por seus direitos na sociedade machista e sexista. Uma das formulações, produzida pelo coletivo feminista “Feministas na Rua – Juventude Anticapitalista” e divulgada na página do Facebook da *Marcha das Vadias de Campinas*, pode ser representada da seguinte maneira:

Nem X, nem Y, Z

No “X” e “Y”, estão os discursos da sociedade, estabilizados na memória. No “Z”, está a ruptura feminista, o furo, o desejo do acontecimento, a espera da fundação de uma discursividade que coloca a mulher como “livre”, “louca”, “linda”, que está na rua e deseja transporte para poder locomover-se:



Figura 1: A luta das mulheres



Figura 2: A luta das mulheres



Figura 3: A luta das mulheres

A mulher que luta, que sonha, que está na rua, que sabe de seus direitos causa horror à sociedade, pois busca romper com um funcionamento já estabilizado há séculos quando se fala das relações homens-mulheres-sociedade. Ao buscar produzir uma ruptura, a mulher causa “horror à ordem”:



Figura 4: A luta das mulheres

Nessa imagem, ao dizer sobre a mulher, diz por meio de uma oração subordinada adjetiva restritiva (“mulheres que lutam e sonham”). Não são todas as mulheres que lutam e sonham, são só algumas. E são essas que causam horror à ordem, pois não se sujeitam a um discurso patriarcal baseado em uma desigualdade de gênero. Contudo, o que os coletivos feministas tentam fazer é mostrar a toda a sociedade que as lutas feministas são de todos: homens, mulheres, e não só de algumas que são vistas pela sociedade como “vagabundas”, “piranhas”, “vadias”, “putas”. Nessa campanha, o 08 de março não é somente o Dia Internacional da Mulher, mas o Dia Internacional **de Luta** das Mulheres. Por meio do acréscimo da expressão “de luta”, torna-se evidente que o dia da mulher é um dia de luta contra a sociedade sexista, machista, patriarcal, homofóbica, heteronormativa. O “de luta” passa a funcionar como um complemento nominal da expressão Dia Internacional da Mulher. A luta funciona como um elemento indispensável ao sentido do dia da mulher. Todas as mulheres, não uma especificamente, em seu dia internacional, devem lutar não por rosas, mas por direitos, uma vez que “A igualdade está afirmada na Constituição, mas para torná-la real é preciso fortalecer a luta pelos direitos das mulheres, é preciso questionar e enfrentar a realidade” (*Marcha das Vadias de Curitiba*):



Figura 5: Marcha das Vadias de Curitiba

O 08 de março surge como um dia de “grito” por igualdade, por liberdade, por direitos. É o dia de luta pelo fim da violência contra a mulher, pelo fim da cultura do estupro, é o dia de luta pela descriminalização do aborto, por respeito e dignidade. As mulheres são interpeladas, pelas formulações da *Marcha das Vadias*, a se juntarem à luta feminista. É um convite à militância, ao levantar-se e lutar por uma posição legitimada na sociedade livre de violência de gênero:



Figura 6: Marcha das Vadias de Campinas



Figura 7: Marcha das Vadias de Campinas



Figura 8: Marcha das Vadias de Brasília

O coletivo da *Marcha das Vadias* traz à memória as lutas feministas, as quais a sociedade machista tenta silenciar, apagar dos dizeres da sociedade. No dia 08 de março, a mulher, no imaginário da sociedade, deve ganhar flores, chocolates, roupas, maquiagens; deve ser homenageada pelo fato de ser mulher. Até os homens mais violentos nesse dia decidem “dirigir-se a algum supermercado” e comprar flores, chocolates às mulheres. Nesse dia, o machismo é “escondido atrás de flores ou caixas de bombons” (*Marcha das Vadias de Pelotas*):

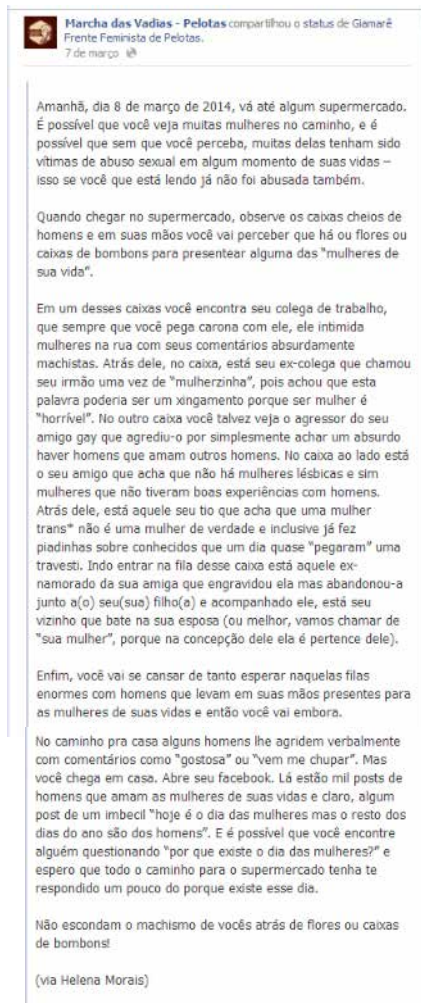


Figura 9: Marcha das Vadias de Pelotas

Pelos dizeres da *Marcha das Vadias de Pelotas*, o Dia Internacional da Mulher existe somente para sustentar o machismo e a violência contra a mulher em suas diferentes formas. Por meio de uma narrativa fictícia, vão se retratando comportamentos comuns aos homens em relação às mulheres, aos homossexuais, aos travestis, às lésbicas. A Marcha mostra que, no dia 08 de março, os homens que violentam as mulheres as parabenizam. Por isso o dizer e a campanha “Me parabenizar 1 dia é fácil. Quero ver me respeitar os

outros 364”.⁵ Afinal, não há o respeito à mulher em uma sociedade em que comprar flores e bombons para esconder a violência contra a mulher é tão comum e até esperado, principalmente se for no dia 08 de março:



Figura 10: Marcha das Vadias de Belo Horizonte

A *Marcha das Vadias de Belo Horizonte* compartilhou em sua página do Facebook o texto “Os machistas no Dia Internacional da Mulher”, de Cynthia Semíramis, no qual também são colocadas em evidência algumas imagens de homens e mulheres na sociedade. O texto, em tom irônico, vai rompendo com esse imaginário:

(1) **parabéns por ser mulher**

eu, hein? Esse aí pegou o bonde andando e não entendeu nada. Que tal parabenizar as mulheres por, em pouco mais de um século, terem mudado a sociedade completamente, e pra melhor? Que tal parabenizá-las por terem largado uma vida como objetos, e se tornarem sujeitos de direito? Que tal parabenizá-las por abdicarem de uma vida de inatividade política, e exigirem o direito de votar e serem votadas? Mas não... quem

5 Essa campanha surge na internet e interpela as mulheres a enviarem fotos em que esse dizer apareça e rompa com o imaginário de felicitação à mulher pelo seu dia.

parabeniza a mulher por ser mulher não percebe nada disso. Pra ele, o que importa é que a mulher é a coisa mais importante do mundo. Desde que caladinha, obediente, delicada, amorosa. Ou, em outras palavras, enfeitando o ambiente.

Nesse recorte, podemos observar que há uma tentativa de acessar uma memória esquecida pela sociedade – a da mulher militante, que lutou pelo direito ao sufrágio – e romper com a imagem da mulher como “obediente, delicada, amorosa, enfeite do ambiente”. Embora os dizeres e comportamento sócio-histórico-ideológicos apontem que a sociedade a queria assim, os coletivos feministas apontam para uma outra posição da mulher na sociedade. Por outro lado, a imagem do homem é a do sujeito de direito, que tem uma posição legitimada na sociedade, diferentemente da mulher que, mesmo com inúmeras conquistas, ainda não tem uma posição legitimada na sociedade quando essa diz que tem direitos e desejos.

A mulher, no imaginário da sociedade, serve como “objeto sexual do homem”, como “empregada”, nunca como um sujeito de vontades próprias e não impostas pelo funcionamento histórico das relações de poder entre homens e mulheres. Mesmo tendo um Dia Internacional da Mulher, o “segundo sexo” ainda é subjugado e sofre violência pela sociedade, seja ela física, psicológica ou simbólica. Às mulheres, nas sociedades patriarcais, só um único direito “permanecerem caladas”. Para a sociedade machista, as lutas feministas não são justificadas, mas sim silenciadas:

(2) falta um dia do homem

tadinho, está se sentindo abandonadinho porque não tem um dia com o nome “homem”. Se ele parar de olhar pro próprio umbigo, vai perceber que todos os dias são dos homens, nem precisa de uma data oficial pra isso. São eles que ainda têm todos os privilégios na sociedade. Afinal, o homem não se torna homem só porque é pai, ele não recebe

menos por ser homem, não tem menos chances no mercado de trabalho porque é homem, não é descartado porque ficou gordo, velho ou grávido, não é tratado como invasor da profissão alheia só porque é homem... Quem reclama que não tem um dia do homem é um egoísta que está chorando de barriga cheia.

Pergunte se ele quer trocar de lugar com uma mulher, assim ele vai ter um dia pra ele; você vai ouvir a resposta negativa mais escandalosa do mundo. Na verdade, ele odeia tanto as mulheres que acha que elas só servem pra ficar caladas, fazendo serviços domésticos e sexuais, e enfeitando o ambiente. Mudar, é claro, pois se reivindicarem qualquer coisa (inclusive uma data de luta), estão exagerando os problemas pra chamar a atenção. E, caso não tenham entendido ainda, só ele pode chamar a atenção...

A *Marcha das Vadias do Rio de Janeiro* publica um *post* em sua página que busca trazer à memória algumas lutas feministas:

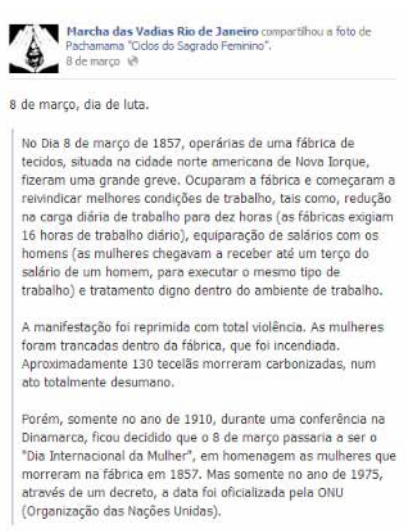
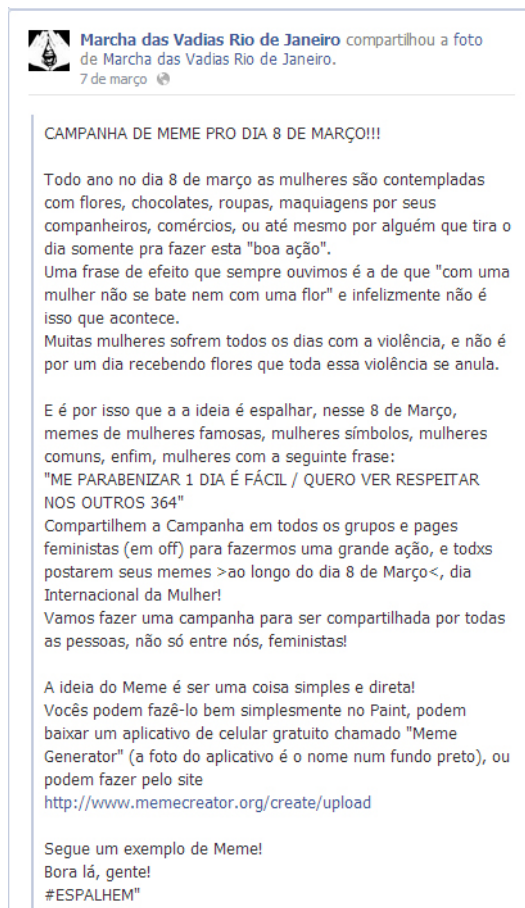


Figura 11: Marcha das Vadias do Rio de Janeiro

Nesse *post*, relembra-se o evento de operárias que foram queimadas em uma fábrica de tecido em Nova York em 1857. Como mostramos na primeira parte de nosso texto, há um discurso fundacional que coloca esse fato como desencadeador do Dia Internacional das Mulheres, no entanto, não há nenhum dado que comprove se há uma relação desse evento com as lutas das mulheres ou se foi uma construção por instituições legitimadas para dar conta das reivindicações feministas. Como coloca Blay (2001, s.p.):

A consagração do direito de manifestação pública veio com o apoio internacional – a ONU instituiu, em 1975, o 8 de Março como o Dia Internacional da Mulher. Entrou-se numa nova etapa do feminismo. Mas velhos preconceitos permaneceram nas entrelinhas. Um deles talvez seja a confusa história propalada do 8 de Março, em que um anti-americanismo apagava a luta de tantas mulheres, obscurecendo até mesmo suas origens étnicas.

Para finalizarmos, gostaríamos de analisar uma campanha proposta pela *Marcha das Vadias do Rio de Janeiro*, a qual convida as mulheres a militarem pelas causas feministas:



Marcha das Vadias Rio de Janeiro compartilhou a foto de Marcha das Vadias Rio de Janeiro.
7 de março

CAMPANHA DE MEME PRO DIA 8 DE MARÇO!!!

Todo ano no dia 8 de março as mulheres são contempladas com flores, chocolates, roupas, maquiagens por seus companheiros, comércios, ou até mesmo por alguém que tira o dia somente pra fazer esta "boa ação".
Uma frase de efeito que sempre ouvimos é a de que "com uma mulher não se bate nem com uma flor" e infelizmente não é isso que acontece.
Muitas mulheres sofrem todos os dias com a violência, e não é por um dia recebendo flores que toda essa violência se anula.

E é por isso que a a ideia é espalhar, nesse 8 de Março, memes de mulheres famosas, mulheres símbolos, mulheres comuns, enfim, mulheres com a seguinte frase:
"ME PARABENIZAR 1 DIA É FÁCIL / QUERO VER RESPEITAR NOS OUTROS 364"

Compartilhem a Campanha em todos os grupos e pages feministas (em off) para fazermos uma grande ação, e todxs postarem seus memes >ao longo do dia 8 de Março<, dia Internacional da Mulher!
Vamos fazer uma campanha para ser compartilhada por todas as pessoas, não só entre nós, feministas!

A ideia do Meme é ser uma coisa simples e direta!
Vocês podem fazê-lo bem simplesmente no Paint, podem baixar um aplicativo de celular gratuito chamado "Meme Generator" (a foto do aplicativo é o nome num fundo preto), ou podem fazer pelo site
<http://www.memecreator.org/create/upload>

Segue um exemplo de Meme!
Bora lá, gente!
#ESPALHEM"

Figura 12: Marcha das Vadias do Rio de Janeiro

A proposta era que as mulheres elaborassem um meme⁶ e fizessem circular o discurso de que o respeito à mulher não é algo tão fácil de ser realizado na sociedade, diferentemente dos parabéns no Dia Internacional da Mulher. Essa campanha espalha-se rapidamente nas diversas páginas das *Marchas das Vadias*. As mulheres aceitam o convite e o dia 08 de Março é

6 O termo “meme” foi citado pela primeira vez em *O gene egoísta*, de Richard Dawkins. Como define Dias e Coelho (2014, p. 240), o “meme pode ser uma imagem, mas pode, também, ser uma *hashtag*, um vídeo, uma palavra ou uma frase. O que define um meme é muito mais o seu funcionamento do que sua forma abstrata”. Os memes enviados às páginas feministas do Facebook são imagens que funcionam contradizendo o dia 08 de março.

simbolizado como o dia da luta e do respeito à mulher. De mulheres famosas a mulheres comuns, o dia 08 de Março circula nas páginas do Facebook:



Figura 13: Marcha das Vadias de Belo Horizonte

Dessa forma, as lutas feministas intensificadas pelo movimento da *Marcha das Vadias* são pelo fim da violência, da opressão e pelo respeito à mulher, não só no dia 08 de março, mas todos os dias. Não são flores o que querem as mulheres, mas o respeito. A ruptura feminista está em mostrar que, na forma como o Dia Internacional da Mulher circula na sociedade, há a sustentação de um discurso machista, sexista, que violenta a mulher, dizendo homenageá-la. A *Marcha das Vadias* busca romper com a memória estabilizada na sociedade que apaga as lutas feministas e busca silenciar a mulher com flores e bombons. Assim, as lutas feministas são pelo respeito aos direitos das mulheres de serem mulheres, nem santa, nem putas, mas livres. Não só por um dia, mas por todo o “infinito”:



Figura 14: Marcha das Vadias de Pelotas

Para finalizarmos este texto um dizer de Rosa Luxemburgo, “Quem não se movimenta não sente as correntes que o prendem”. É nesse movimento que os coletivos feministas, aqui a *Marcha das Vadias*, tentam trazer à tona as amarras da sociedade opressora patriarcal à mulher e buscam romper com essas correntes que tanto aprisionam o “segundo sexo”. Em um jogo de força com uma memória estabilizada, um acontecimento que faz circular um outro dizer sobre a mulher, o qual a inscreve em uma posição-mulher-livre que sempre lutará por direitos e por respeito da sociedade patriarcal que venera seus homens, mas mata/silencia suas mulheres, simplesmente por serem mulheres.

GARCIA, Dantielli Assumpção; ABRAHÃO E SOUSA, Lucília Maria. “Congratulating me for 1 day is easy. I want to see you respect me during the other 364”: a discursive analysis of the March 8th. **Revista do Gel**, v. 11, n. 2, p. 170-197, 2014.

ABSTRACT: *This work follows the theoretical perspective of Pêcheux on the Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1990, 1997) and aims at analyzing some posts that circulated on Marcha das Vadias (The Slut Walk) Facebook page, addressing the topic of the March 8th, International Women’s Day. It intends to reveal that in the cyberspace there is an invitation to women to militate for the feminist causes. On the Web, there is the attempt to break away from deep-rooted memories about women and their position in society. Marcha das Vadias feminist movement seek to unravel that women are not honored by the commemorative events but rather assaulted with sayings which place them in a submissive position in relation to men and the patriarchal society.*

KEYWORDS: *Marcha das Vadias. International Women’s Day. Memory. Discourse Analysis.*

Referências

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BEAUVOIR, S. de. (1949). **O segundo sexo**. Fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BLAY, E. A. 8 de Março: conquistas e controvérsias. **Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 9, n. 2, p. 601-607, 2001.

CESTARI, M. J. As mesmas e as novas mulheres do feminismo brasileiro. **Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 42, n. 3, p. 1471-1484, 2013.

CÔTÉ, R. **La Journée Internationale des Femmes**. Ou les vrais faits et les vraies dates des mystérieuse origines du 8 de mars jusqu’ici embrouillées, truquées, oubliées: la clef des éningmes. La vérité historique. Montreal: Les Editions Du Remue-ménage, 1984.

DIAS, C.; COELHO, A. V. de Vinagre: a produção de imagens humorísticas sobre as manifestações brasileiras de 2013 nas redes sociais. In: PATTI, A.R. et al. **Textecendo discursos na contemporaneidade**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2014.

GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A e. Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 9, n. 11, p. 83-97, 2014.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2002.

_____. Análise de Discurso. In: RODRIGUES-LAGAZZI, S.; ORLANDI, E. P. (Org.). **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006. p. 13-31.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. Papel da memória. In: ACHARDI, P. et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.